NEWS

O Jornal Económico

SWIPE LEFT

“Temos aqui uma oportunidade única de uma geração para crescer e transformarmos a nossa economia, que padece de problemas estruturais de falta de competitividade.”

Rui Almeida
CEO e Managing Partner

JE editors · TALKS ·

Entenda o impacto da pandemia na área da assessoria financeira. Esperamos por si!

Acompanhe em direto na plataforma multimédia JETV, em www.jornaleconomico.pt

Convidados: moneris

Este suplemento faz parte integrante do Jornal Económico Nº 2109 não pode ser vendido separadamente

3 setembro 2021 | ESPECIAL

JE O Jornal Económico

ESPECIAL

LÍDERES DA ASSESSORIA FINANCEIRA

OLHAR O FUTURO COM OTIMISMO

O desenrolar dos processos de vacinação e a aceleração da recuperação das economias faz com que a assessoria financeira olhe com otimismo para o futuro, acreditando na manutenção da dinâmica de crescimento que vem desde o primeiro choque da pandemia. Com um quadro económico estável, haverá mais oportunidades de negócio, para resolver problemas criados pela situação de exceção vivida no último ano e meio e para investir no desenvolvimento.

ANÁLISE
Fusões e aquisições prometem manter tendência de crescimento
Com o atual enquadramento macroeconómico, o mercado pode manter a tendência de crescimento e aproveitar as oportunidades criadas pela ressaca da pandemia e pela recuperação das economias. II

ANÁLISE
Recuperação da pandemia continua, com tom positivo IV

TECNOLOGIA
Dos contactos virtuais à Big Data, tecnologia mudou assessoria financeira VI

FÓRUM
Que expectativas tem para a evolução da economia e do mercado este ano e no próximo? X

moneris

FÓRUM

RECUPERAÇÃO ECONÓMICA GERA OTIMISMO PARA A CONTINUAÇÃO DO CRESCIMENTO

Os agentes do mercado acreditam que a evolução dos processos de vacinação contra a Covid-19 e o robustecimento dos processos de recuperação económica auguram tempos positivos, mas não se esquecem de que a pandemia ainda é um risco.

1 QUE EXPECTATIVAS TEM PARA A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA E DO MERCADO NESTE ANO E NO PRÓXIMO?

2 QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS RISCOS E OPORTUNIDADES NO DESENVOLVIMENTO DO MERCADO DA ASSESSORIA FINANCEIRA EM PORTUGAL?

MÁRIO CARVALHO FERNANDES
CIO do Banco Carregosa

1. Os próximos 18 meses devem continuar a ser pautados pela recuperação económica assente na readaptação progressiva da sociedade à pandemia, na vacinação da população mundial, e, eventualmente, de novos tratamentos mais eficazes para combater os casos mais graves da Covid-19. A par com os progressos no campo da saúde pública, algumas das medidas de política monetária e fiscal, implementadas para enfrentar a emergência, vão começar a ser retiradas e substituídas pelas iniciativas voltadas para a reconstrução e relançamento da economia, já aprovadas, mas cuja implementação será mais notória a partir de agora. A 4.ª Revolução Industrial, as tensões entre os Estados Unidos e a China, o combate à poluição e a transição para uma economia sustentável serão temas que vão continuar a definir a agenda dos investidores de forma cada vez mais vincada.
Perante esta inédita combinação de eventos é expectável que o percurso seja feito com preocupações em relação ao inesperado, que haja volatilidade e incerteza.

2. A situação de repressão financeira que se vive no mundo desenvolvido, em que a rentabilidade dos instrumentos sem risco são praticamente nulos e inferiores à inflação, implica que os investimentos seguros apenas garantem perda de poder de compra com o passar do tempo. Esta situação cria uma necessidade aos aforradores, que deixam de contar com o tradicional depósito a prazo para combater os efeitos nefastos da inflação sobre as suas poupanças, sem terem conhecimentos, disponibilidade ou vontade para gerirem uma carteira de investimentos em ativos financeiros ou reais. O desafio da assessoria financeira em Portugal passa por acompanhar os investidores neste processo de migração de ativos isentos de risco para ativos com maior risco, de forma responsável, informada e consciente, encontrando uma carteira que se adeque, simultaneamente, aos objetivos e perfil do cliente e ao contexto desafiante que teremos pela frente nos próximos anos.

JOÃO SOUSA LEAL
Partner de Advisory da KPMG

1. As expectativas de evolução da economia até final do ano e para 2022 são positivas. Após um período de grande contração mundial, a evolução do processo de vacinação nas economias ocidentais, a manutenção de políticas monetárias expansionistas e a introdução de políticas fiscais (também expansionistas) estão a contribuir, decisivamente, para uma recuperação mais rápida. Nos últimos meses, além da incerteza sobre a evolução da pandemia, verificamos alguns sinais na economia mundial que têm de ser acompanhados e que poderão travar esta recuperação, nomeadamente um avanço mais rápido do que o esperado da inflação. Teremos de aguardar mais alguns meses para verificar se a evolução da inflação resulta apenas de um desequilíbrio temporário entre a oferta e a procura ou se estes são os efeitos de uma política monetária expansionista por um período excessivamente longo.
Em Portugal, a recuperação deverá acompanhar as restantes economias europeias, mas a um ritmo mais lento. A nossa grande dependência do sector do turismo, a reduzida competitividade da nossa indústria e a fiscalidade excessivamente penalizadora continuarão a operar como travão. De qualquer forma, há que ter em conta que estes efeitos poderão ser atenuados com uma boa execução do PRR, do Portugal 2030 e da gestão do processo de recapitalização das empresas pós-moratórias e linhas Covid.
Em conclusão, a expectativa da KPMG é de que nos próximos 18 meses a economia mundial e a portuguesa deverão crescer a bom ritmo. Contudo, a volatilidade no processo de recuperação deverá manter-se, sendo fundamental estarmos atentos à evolução dos principais indicadores económicos.

2. Os principais riscos são um agravamento da pandemia, com o início do inverno ou o ressurgimento da inflação para níveis mais elevados do que o esperado. A evolução desfavorável da pandemia pode atrasar o processo de recuperação e gerar incerteza, fazendo com que os investidores e as empresas atrasem os seus investimentos, reduzindo o recurso a assessoria financeira. A evolução rápida da inflação, para níveis acima dos 2%, deverá obrigar os bancos centrais a retirar liquidez do mercado, levando os investidores a alterarem as suas estratégias, reduzindo o perfil de risco dos seus investimentos e recorrendo menos a assessores financeiros.
Em Portugal, um cenário de inflação mais alta pode ser muito penalizador, devido ao elevado impacto que este processo teria numa economia excessivamente endividada. As principais oportunidades resultam, essencialmente, do processo de recuperação económica, que deverá continuar a dar um impulso relevante ao mercado de M&A. A bazuca ou PRR são também aceleradores do mercado de assessoria, pois a maior disponibilidade de fundos irá levar a investimentos que, normalmente, carecem do suporte dos assessores financeiros, quer no desenvolvimento de planos estratégicos ou de negócio, quer no processo da estruturação financeira (dívida e capital), complementar a estes apoios.

FILIPA MENEZES DE ALARCÃO
Senior Investment Manager da Horizon Equity Partners

1. A recuperação da atual crise económica irá apresentar novos desafios para as empresas. Para recuperar o ímpeto as empresas terão que se desapegar de estratégias tradicionais em procurar novos setores onde investir, abrindo oportunidades no mercado de M&A para empresas e fundos bem capitalizadas.
É esperado um forte crescimento económico global devido ao bom 'roll-out' da vacina a que temos assistido nos países desenvolvidos e consequente retirada progressiva das restrições. A imensa liquidez introduzida pelos bancos centrais através dos programas de compra de ativos, bem como os fundos comunitários em dimensões sem precedentes, serão fundamentais para a recuperação da economia.
A confirmação da recuperação económica e do fim deste ciclo de contração deverá levar a uma intensificação das operações de M&A e a uma recuperação do mercado de assessoria financeira.
Por outro lado, com a redução dos apoios por parte do Estado, é esperado um aumento das empresas em situação *distressed*. A recuperação destas empresas dependerá em grande medida da capacidade de implementar mecanismos de reestruturação, e pela procura de parceiros de capital como é o caso de Fundos de Private Equity.
Em síntese, o mercado de M&A, e consequentemente, de assessoria financeira, poderão beneficiar cumulativamente da recuperação da economia e de operações de restruturação fruto de eventuais situações de *distress* e de insolvência.

2. Identificada a recuperação económica como pilar para o mercado da assessoria financeira, importa ainda que os estímulos ao crescimento sejam retirados de forma controlada e gradual, especialmente num cenário de surgimento de novas variantes do vírus.
Outra ameaça global que tem sido apontada é o risco de inflação mais alta do que o esperado, devido ao excesso de liquidez no mercado, obrigando os bancos centrais a subir as taxas de juro para controlo da inflação.
Finalmente, o mercado de M&A neste período depara-se ainda com dificuldades relacionadas com o 'gap' de valorizações entre vendedores e compradores, fruto da incerteza associada ao Covid-19, especialmente no mais curto-prazo, o que naturalmente, impacta as valorizações dos 'targets'.

TIAGO ROQUETTE GERALDES
Co-head de Corporate Finance na BearingPoint

A continuação da implementação de políticas expansionistas dos vários Bancos Centrais e de políticas de investimento/resiliência dos governos deverá continuar a alimentar o otimismo instalado. Os bancos centrais manterão as taxas de juro baixas, fomentando a concessão de crédito, e os mecanismos de investimento de capital público continuarão a ser injetados na economia suportando a mesma e dando confiança ao capital privado.
A economia portuguesa vai continuar a recuperar, a reboque da economia mundial, sendo a grande dúvida a velocidade a que o fará.
Por causa do atual nível das taxas de juro e das políticas expansionistas anunciadas, os investidores de todo o mundo têm vindo a migrar as suas poupanças de produtos de taxa de juro para produtos de ações e de capital de risco gerando uma enorme 'pool' de capital para as empresas com acesso aos mercados financeiros (IPO, SPAC, etc…) e para as empresas que recorrem a financiamento privado.
Ora os fundos mobiliários e de capital de risco têm que "pôr o dinheiro a funcionar" competindo para executar as operações mais interessantes. Este fenómeno fez crescer o número de transações de M&A e o valor dos ativos transacionados (múltiplos de valorização elevados), nas principais economias, nos últimos meses. Esta competição sustenta o atual momento dos mercados acionistas mais relevantes e as valorizações obtidas no mundo do *private equity*.
Em Portugal, grande parte das operações de M&A acontece sobre empresas não cotadas e os investidores nacionais não detêm muito capital disponível. Assim sendo, o maior dinamismo continuará a vir de investidores internacionais que procuram fazer investimentos relevantes (>20M) com retornos interessantes (>10%/y).
Neste contexto, diríamos que os sectores mais dinâmicos nos próximos

meses em M&A, deverão ser os sectores de tecnologia, hotelaria e industriais, por permitirem a dimensão de investimento e as rentabilidades esperadas por estes investidores. É provável que o sector das energias renováveis também continue atrativo por força das orientações ESG a que muitos destes investidores se vincularam.
O maior risco será um aumento das taxas de juro que ponha em causa as valorizações atuais, pondo um travão em operações em curso e futuras, forçando um compasso de espera de ajustamento de preços que reduzirá o número de transações.

RUI ALMEIDA
CEO e Managing Partner da Moneris

1. Confesso que gostaria de ter uma visão mais otimista e sem reservas, quanto à evolução da economia portuguesa no futuro próximo. Não que tenha dúvidas quanto a uma inevitável recuperação e a um período em que assistiremos a um crescimento sólido, já em 2021 e em 2022, afinal o ano base de comparação (ou seja, 2020) pode ser definido como um 'annus horribilis'. Penso mesmo que teremos um crescimento acima de 4% e 5%, já em 2021 e em 2022, respetivamente. Contudo, o nosso crescimento tem de ser comparado com o dos nossos concorrentes diretos - as economias emergentes da Europa de Leste e os nossos vizinhos da Europa mediterrânica. Temos aqui uma oportunidade única de uma geração para crescer e transformarmos a nossa economia, que padece de problemas estruturais de falta de competitividade.
Com efeito, pela primeira vez na sua história, a União Europeia decidiu contrair dívida solidária e mutualizada para injetar na sua reconstrução, com um programa de recuperação e resiliência a que se designou NextGenerationEU. Este instrumento temporário concebido para impulsionar a recuperação será o maior pacote de medidas de estímulo alguma vez financiado na Europa. Servirá o anunciado caminho de construção de uma Europa mais verde, mais digital e mais resiliente.
Para garantir a execução dos fundos agora à disposição do país e para maximizarmos o seu impacto e retorno de longo prazo, precisamos de apostar na qualificação, ao nível da gestão dos programas e da execução dos projetos de inovação nas empresas, nas instituições, nas universidades e nos centros de inovação, de investigação e de desenvolvimento.
Ora é aqui que me parece que poderemos ter alguma escassez de recursos, de foco na ação e, consequentemente, poder fazer perigar o melhor aproveitamento deste quadro de fundos que nos pode fazer não apenas sobreviver no imediato, mas antes prosperar no futuro e garantir que a nossa economia sai verdadeiramente transformada e robustecida à saída desta crise pandémica.
Também me preocupa que o direcionamento dos programas de recuperação e resiliência possam não ser orientados preferencialmente para o sector privado, este que é gerador de emprego, de riqueza e de inovação e que possam, antes, ficar condicionados a investimento público ou equiparado, em grandes projetos que, tendo mérito e sendo mobilizadores, possam não ser necessariamente orientados para a competitividade dos agentes económicos que devem ser, em meu entender, os dinamizadores da economia.

2. Para empresas de serviços profissionais, que atuam no mercado de assessoria financeira, esta pandemia chegou num momento de grande transição. Um conjunto de fatores já indiciava e impulsionava a necessidade de reinvenção nas empresas de serviços profissionais em todo o mundo e em Portugal, não obstante o mercado ter as suas especificidades, esta realidade não era significativamente diferente.
Assim, a pandemia veio acelerar e exacerbar esses riscos e oportunidades, sendo múltiplas as considerações que a este respeito se podem fazer.
Salientaria duas principais fontes de risco e oportunidade; de ameaças e potencial de transformação e disrupção: guerra de talentos e tecnologia e inovação.

RUI LAVADO
Head of Consulting da Mazars em Portugal

1. A pandemia e o esforço de a travar conduziram a uma elevada paralisação da atividade económica e social, com efeitos de extrema adversidade e enorme impacto nos indicadores económicos e sociais. Ainda que se registem previsões animadoras, inclusive no aumento do investimento, é, todavia, prematuro assumirmos como garantida a retoma económica no curto-prazo.
A política económica em Portugal procura resolver a crise, mas o país atravessa uma situação difícil, nomeadamente pelo seu nível de endividamento. Podemos assumir que a recuperação económica em Portugal está e estará necessariamente associada à resposta robusta programada pela União Europeia para fazer face à presente crise.
A instanciação em Portugal do Plano de Recuperação e Resiliência assume inexoravelmente uma enorme importância. A boa gestão destes fundos é obrigatória e pressupõe uma enorme responsabilidade dos intervenientes na sua governação. É fundamental garantir uma execução efetiva, em tempo útil, e direcionada para investimentos verdadeiramente estratégicos para o país.
A estratégia de recuperação, alinhada com a política europeia, deverá observar necessariamente o caminho da sustentabilidade ambiental, energética, digital, do combate às assimetrias e da promoção da educação e da saúde da população portuguesa.

2. Neste contexto de mudança, é manifesta a intensificação da necessidade das empresas no que diz respeito a apoio no domínio financeiro. O apoio no acesso a fundos e financiamento, bem como no âmbito de transações, fusões, aquisições, ou outras situações, configuram oportunidades para a atividade e para os prestadores de serviços de assessoria financeira.
Os principais riscos consistem na eventual incapacidade das empresas em se adaptarem à evolução das necessidades dos seus clientes e de adotarem novas competências, métodos e ferramentas. Outros desafios resultam do reforço de responsabilidades atribuídas em matéria de contribuição para a transparência e sustentabilidade dos mercados.

INÊS GIL DE BARROS
Partner da Moss & Cooper

A evolução da economia e dos mercados será uma incerteza durante os próximos tempos, contudo, espera-se um crescimento da economia global devido à recuperação de algumas potências económicas, muito embora a luta contra a pandemia continue em aberto, principalmente nas economias em desenvolvimento.
Os *players* políticos destes países vão deparar-se com o desafio de encontrar um equilíbrio entre estimular uma recuperação agressiva e manter tanto a estabilidade fiscal, como a inflação.
Até 2022, estima-se que a produção mundial fique abaixo das projeções pré-pandemia, vai ser uma recuperação lenta, sobretudo nas economias menores e dependentes dos sectores mais afetados.
Nesse sentido, os serviços de assessoria financeira tornam-se fundamentais. Por um lado, a sua necessidade para a saúde das empresas é cada vez maior, apesar de estas, por vezes, se mostrarem menos recetivas, com menos liquidez, mais dificuldades operacionais, menos recursos humanos e com uma visão muito tremida do futuro.
Temos, assim, um universo de serviços que se tornará mais ágil e eficiente, onde as pessoas serão um desafio: contratos, remuneração, compromisso e a motivação em relação ao cliente serão os pilares da transformação, assentes numa partilha do sucesso e de receitas da empresa com os consultores.
Será necessário reduzir custos e encontrar novas formas de trabalhar, ter um serviço diferenciado e de qualidade superior, adaptar 'pricing' de acordo com o perfil de cliente e preparar a empresa para 'cisnes negros', ou seja, para riscos desconhecidos e inesperados, assim como para a entrada de novos 'players' e automatização de serviços.
Por último, a evolução constante dos pressupostos externos obriga as empresas a ter uma postura defensiva, para a qual as equipas de risco e estratégia, os esforços de *lobby* e a adaptação dos processos nas organizações vão ser fundamentais.
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades e mudam-se as empresas.

PEDRO COELHO
Vice-presidente da Square Asset Management

1. Portugal e o mundo vivem um momento muito desafiante. Começamos a sair da maior pandemia global dos nossos tempos, embora com grandes assimetrias entre o hemisfério Norte e Sul, fruto de o processo de vacinação estar a decorrer a ritmos diferentes.
Do nosso ponto de vista, o que vai sair desta pandemia será uma disrupção muito grande que terá como resultado que toda a revolução tecnológica a que estávamos a assistir terá um efeito acelerador enorme.
Por outro lado, as medidas que os governos das economias desenvolvidas tomaram de apoio a particulares e empresas, especialmente nos sectores mais fustigados, irão resultar num nível de dívidas públicas sem precedentes.
Assim, num cenário de grandes incertezas com tensões geopolíticas e migratórias muito grandes, a única certeza que podemos ter é a de que as taxas de juro irão manter-se em níveis historicamente baixos por muito tempo (muito mais do que a maioria dos analistas esperam).
Consequentemente, o apetite dos investidores por classes de ativos não relacionados com taxas de juro tenderá a aumentar. Ações, imobiliário e alternativos aumentarão a sua preponderância nas carteiras dos institucionais.

2. Do nosso ponto de vista, o mercado da assessoria financeira em Portugal vai entrar numa fase de maior dinamismo.
Por um lado, os portugueses são um povo, do ponto de vista das suas poupanças, extremamente conservador, vide a percentagem de depósitos a prazo existentes face a outros produtos de poupança sem taxa garantida. Por outro, face às taxas de juro, estes depósitos não rendem juros nenhuns, tendo até, nalguns anos, crescimento negativo se considerarmos a inflação.
Finalmente, a concentração bancária a que assistimos nos últimos anos, abre espaço a que algumas boutiques financeiras, profissionais e especializadas, ganhem o seu espaço através de uma oferta de produtos mais diversificados e mais rentáveis.

MIGUEL FARINHA
Partner e Head of Strategy and Transactions da EY Portugal

1. As expectativas para a evolução da economia portuguesa para o ultimo semestre de 2021 e para 2022, continuam a ser bastante positivas, tal como o demonstram as previsões dos principais analistas do mercado e as mesmas acabam por se refletir no mercado de assessoria financeira que continua a registar níveis de atividade muito elevados.
A crise provocada pela pandemia trouxe, como seria de esperar, grandes dificuldades a um vasto leque de sectores e empresas, mas acabou por ser igualmente um acelerador de crescimento para muitas empresas e um gerador de oportunidades muito interessantes no mercado. Se juntarmos a este apetite de crescimento um mercado com taxas de juro historicamente baixas e elevados níveis de liquidez em muitos operadores, temos um cenário ideal para um mercado de M&A extraordinariamente ativo em toda a Europa e igualmente em Portugal.

2. Na perspetiva de um 'player' com uma dimensão muito significativa no mercado português, com mais de 100 profissionais totalmente dedicados a assessoria financeira, acreditamos que as principais oportunidades se encontram na assessoria a operações de M&A (desde 'due diligence', avaliação, angariação de financiamento e apoio na negociação), no apoio à reestruturação do tecido empresarial, nomeadamente com o final das famosas moratórias, no apoio a todos os processos de capitalização/financiamento decorrentes do PRR e por fim no apoio que damos na redefinição estratégica dos nossos clientes.
Obviamente que não podemos esquecer a fragilidade da economia portuguesa, pela sua dimensão e preparação dos seus 'players', bem como a sua dependência de eventuais ondas de choque dos seus principais parceiros externos. Chamo aqui a atenção para o grau de incerteza decorrente do cenário pandémico que ainda vivemos, pois as expectativas de um regresso à "normalidade" em setembro não se estão a materializar e a ambicionada imunidade de grupo ainda não é uma certeza.